



Comunicação Midiática

Revista Comunicação Midiática

ISSN: 2236-8000

v. 12, n. 2, p. 86-100, maio /ago. 2017

Da narração do cotidiano ao cotidiano da narração: a noticiabilidade como categoria cognitiva no jornalismo de Campo Grande (MS)¹

De la narración del cotidiano para lo cotidiano del narración: la noticiabilidad como categoría cognoscitiva en el periodismo de Campo Grande (MS)

From the narration of everyday to the everyday of narration: newsworthiness as a cognitive category in the journalism of Campo Grande (MS)

Marcos Paulo da Silva

Professor do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduíche pela Syracuse University (NY, EUA). marcos.paulo@ufms.br

RESUMO

O objetivo do trabalho é promover uma reflexão sobre a natureza cognitiva da concepção de noticiabilidade e sobre a pertinência da compreensão do conceito no interior das relações possíveis entre a mediação jornalística da vida cotidiana e o cotidiano das rotinas profissionais voltadas à mediação jornalística. Busca-se uma discussão das próprias concepções de cotidiano e de vida cotidiana em interface com o campo jornalístico. Na sequência, com base no protocolo de Shoemaker & Cohen (2006), vale-se de entrevistas semiestruturadas com jornalistas e leitores de jornais na capital de Mato Grosso do Sul. Verifica-se que há diferenças substanciais entre os atores que vivenciam o cotidiano mediado pelo jornalismo e aqueles que vivenciam a mediação jornalística do cotidiano no que tange as contradições presentes na regularidade do dia-a-dia.

Palavras-chave: jornalismo; noticiabilidade; cotidiano; vida cotidiana; Campo Grande.

RESUMEN

El objetivo es promover una reflexión de la naturaleza cognitiva del concepto de noticiabilidad en el periodismo, así como sobre la importancia de la comprensión del concepto dentro de las posibles mediaciones entre la cobertura periodística de la vida cotidiana y lo cotidiano de las rutinas profesionales enfocados la cobertura periodística. Se tendrá inicialmente una discusión de los conceptos de cotidiano y vida cotidiana interconectados con las peculiaridades del ámbito periodístico. De acuerdo con el protocolo de Shoemaker & Cohen (2006), se vale de entrevistas semiestruturadas con periodistas y lectores de periódicos en la capital de Mato Grosso do Sul. Se verifica que hay diferencias sustanciales entre los actores que viven el cotidiano mediado Por el periodismo y aquellos que vivencian la mediación periodística de lo cotidiano en lo que se refiere a las contradicciones presentes en la regularidad del día a día.

Palabras clave: periodismo; noticiabilidad; cotidiano; vida cotidiana; Campo Grande.

ABSTRACT

The article target is developing a reflection about the cognitive nature of the conception of newsworthiness in journalism and about the relevance of an understanding of the concept within the mediation between the media coverage of everyday life and the daily professional routines of journalistic mediation. It intends, firstly, a discussion about the own conceptions of everyday (quotidian) and everyday life and about their interfaces with the peculiarities of journalistic field. Moreover, based on Shoemaker & Cohen (2006) research, it makes use of the interviews with journalists and newspaper readers in the capital of Mato Grosso do Sul state. It is verified that there are substantial differences between the actors who experience daily life mediated by journalism and those who experience the journalistic mediation of daily life in relation to the contradictions present in the regularity of everyday.

Keywords: journalism; newsworthiness; everyday; everyday life; Campo Grande.

Das metáforas às notícias: uma introdução ao debate

Let us try, for instance, to think of a metaphor as a filter. Consider the statement, "Man is a wolf". (...) The metaphorical sentence in question will not convey its intended meaning to a reader sufficiently ignorant about wolves. (Max Black)

O que a construção de metáforas tem em comum com a seleção de notícias? Considerada a interpretação feita pelo filósofo britânico-americano Max Black (1955) para as metáforas, a similitude pode estar na própria essência dos dois processos: um “sistema de lugares-comuns associados” (*a system of associated commonplaces*). Em outros termos, a síntese de Black para uma das mais disseminadas figuras de linguagem dos sistemas linguísticos modernos deposita ênfase numa compreensão substancialmente cognitiva para o fenômeno; perspectiva que também pode ser aplicável às dimensões da seleção noticiosa. Afinal, argumenta o autor, o importante para a eficácia de uma metáfora não está simplesmente no fato de que “os lugares-comuns sejam verdades”, mas que esses “sejam lembrados pronta e livremente” em um determinado recorte sócio-histórico. É por causa disso, sublinha o filósofo, que uma metáfora com *bom funcionamento* numa determinada sociedade pode parecer *absurda* em outra (Black, 1955, p. 287, tradução nossa).

E a seleção de notícias? Além da própria natureza cognitiva que coloca os dois processos em interface, a sugestão de Max Black (1955, p. 286) de interpretar a construção de metáforas como um *sistema de crivo* (sugestão que, num exercício de metalinguagem, é caracterizada na própria metáfora do filtro – “*let us try to think of a metaphor as a filter*” –, tomada de empréstimo na epígrafe acima), encontra ressonância nos parâmetros que materializam as duas etapas básicas da seleção noticiosa atribuídas por Herbert Gans (2004): a *disponibilidade* (de acontecimentos noticiosos) e a *adequação* (dos mesmos às rotinas jornalísticas).

Nessa perspectiva, entende-se que o enquadramento automático do conteúdo noticioso em categorias delimitáveis de critérios de noticiabilidade (a raridade, a proximidade, o ineditismo, o impacto, o conflito, o escândalo e a catástrofe, entre tantos outros)², a despeito de sua factibilidade na verificação empírica a partir de procedimentos metodológicos qualitativos e quantitativos, reduz a complexidade do processo de seleção noticiosa e abrevia (esvazia), de um ponto de vista analítico, a carga cultural (efetivada em parâmetros simbólicos e práticos) compartilhados no campo profissional do jornalismo. Se para Max Black (1955) a dinâmica de construção de metáforas é impensável fora de todo um sistema cognitivo de *lugares-comuns*, no universo jornalístico uma relação similar se estabelece: torna-se inexequível, sob pena do esvaziamento da complexidade das rotinas jornalísticas, entender os chamados critérios de noticiabilidade à margem da compreensão do cotidiano que envolve a construção da narração jornalística.

Para Pereira (2009, p.5),

Um dos equívocos da linguagem midiática é pretender representar a vida cotidiana a partir de um sistema calcado na objetividade – como sinônimo de verdade. Por isso, os cidadãos percebem – com auxílio do senso comum – que as manifestações estéticas vivenciadas no cotidiano ultrapassam os limites argumentativos impostos pelas narrativas midiáticas.

Os critérios de noticiabilidade, nesse vértice, não se materializam como parâmetros estanques, mas envolvem processos culturais e cognitivos entrecruzados nos âmbitos da vida cotidiana (como categoria sociológica) e do próprio cotidiano das rotinas produtivas do jornalismo. Assim, para além das notícias, entendidas como artefatos sociais complexos e formas simbólicas que respaldam padrões estético-expressivos culturalmente disseminados, a ênfase analítica deve se localizar na própria concepção de noticiabilidade; a começar pelo fato de que as duas ideias – a de noticiabilidade e a de notícia –, conforme defendem Shoemaker & Cohen (2006, p. 335-337), não devem ser interpretadas como noções equivalentes, uma vez que representam constructos distintos no plano teórico-conceitual. Enquanto a noticiabilidade é definida no nível individual de análise e leva em consideração a questão da saliência pessoal que um evento provoca num determinado ator social (seja ele jornalista ou não), a notícia consiste em um artefato simbólico complexo formatado por fatores como as rotinas profissionais da prática jornalística, as características organizacionais das empresas de comunicação e as influências das diferentes instituições sociais envolvidas no processo, além de variáveis macrossociais como valores culturais e ideologia.

O conceito de noticiabilidade também não se ajusta automaticamente à ideia de proeminência na mídia (Shoemaker; Cohen, 2006, p.351-353). Como constructo de natureza eminentemente cognitiva (a atribuição de valores de interesse noticioso no nível individual de análise), o conceito se aproxima mais da interpretação de Max Black (1955) das metáforas como sistemas cognitivos de *filtros* e de *lugares-comuns* do que propriamente da representação efetiva de determinadas categorias de notícia nos meios de comunicação (categorias geralmente estudadas e classificadas *a posteriori*). Por seu turno, os chamados valores-notícia são vistos como os aspectos da noticiabilidade imbricados nas rotinas jornalísticas, numa ótica que se aproxima mais do debate estabelecido por Herbert Gans (2004) a respeito dos valores ideológicos compartilhados nas salas de redação.

Notícia, critérios de noticiabilidade e valores-notícia, portanto, constituem constructos distintos que, todavia, não devem ser compreendidos à margem de um sistema de valores compartilhados, seja na esfera da vida cotidiana (e de seus diferentes contratos comunicativos) ou propriamente no cotidiano das rotinas profissionais do jornalismo. Desse modo, uma vez mais, defende-se que a compreensão da *narração da vida cotidiana pelo jornalismo* - como se buscará problematizar na sequência a partir de uma pesquisa empírica mais ampla com leitores de jornais e jornalistas sul-mato-grossenses - não deve se dar sem a compreensão prévia do próprio *cotidiano da narração noticiosa*. Vale-se, para tanto, dos resultados preliminares do projeto de pesquisa “*Cotidiano e noticiabilidade na imprensa sul-mato-grossense: interfaces entre jornalistas, assessores e público*”, inscrito junto à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), cujo desenvolvimento vincula-se também ao *Grupo de Pesquisa Cotidiano e Noticiabilidade*, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)³ – conforme será descrito abaixo. Por ora, todavia, faz-se necessário um mergulho no universo dos conceitos de cotidiano e de vida cotidiana.

Entre a rotinização das práticas e a mediação pela vida cotidiana

Tratada como “a vida de todo homem” na acepção de Agnes Heller (1972, p. 31), a ideia de vida cotidiana, ao lado da própria concepção de cotidiano a ela atrelada, desempenha um papel preponderante no presente debate por vincular-se à existência de valores simbólicos – *lugares-comuns* – socialmente compartilhados. Numa interessante distinção me-

tológica, a autora húngara aponta que as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana se distribuem ao longo de cinco eixos distintos: trabalho, vida privada, descanso, lazer e atividade social (Heller, 1972).

Em que pese a distinção apresentada por Heller (1972), todavia, entende-se ser notadamente no desenvolvimento do modo de produção capitalista – e em seus consequentes modos discrepantes de organização da atividade produtiva – que se localiza a emergência histórica do conceito. Para Souza Martins (2010):

Justamente quando, com o desenvolvimento do capitalismo, a finalidade do trabalho passa a ser o próprio trabalho, tenha sentido ou não, e o trabalhador se põe numa relação de divórcio e alteridade com sua obra, que se acumula sem destino, na acumulação pela acumulação, é que o trabalho sem sentido dá origem à vida cotidiana. (Souza Martins, 2010, p.126).

No interior dessa perspectiva sociológica, portanto, ao menos dois pontos merecem ser sublinhados: primeiramente, é preciso considerar que nem todas as sociedades e épocas tiveram como parâmetros as ideias de cotidiano e de vida cotidiana⁴; posto que essas, como observado, estão relacionadas ao contexto do modo capitalista de produção e da sociabilidade moderna pós-revoluções burguesas desde o século XVIII. Além disso, se faz necessário o reconhecimento de que a abordagem conceitual dessas noções possui sua base de apoio relacionada à concepção sociológica da “alienação” desde a origem do pensamento marxista. A alienação desponta, assim, como uma espécie de “mal-estar da vida cotidiana e do mundo moderno”; e se configura dessa forma, pois, conforme argumenta Souza Martins (2010, p.74-75), no pensamento modernizante a consciência social do homem cotidiano se empobrece como imaginação (instância “criadora e revolucionária”) e se enriquece como imaginário.

Tal olhar teórico para a alienação, entretanto, difere-se das análises clássicas do pensamento marxista ortodoxo que, numa clara ênfase economicista, vinculam substancialmente o conceito à questão do trabalho e da mais valia. Para Agnes Heller (1972), a alienação pode estar no próprio solapamento promovido por um dos eixos estruturantes da vida cotidiana (como a vida privada ou lazer) sobre os demais. Já para Souza Martins (2010, p.73-75), em semelhante perspectiva, as análises marxistas clássicas não explicam, de fato, como as pessoas vivenciam no cotidiano as próprias limitações oriundas da alienação (“o trabalhador não apenas trabalha”, chama a atenção o sociólogo brasileiro). Em outros termos, significa estender o questionamento da alienação para além da rotina produtiva diária, ou seja, trata-se de questionar o que acontece com a consciência do trabalhador quando esta é “liberada” da necessidade de pensar o “trabalho”.

Reconhece-se, dessa forma, que o conceito de rotina (derivado do termo *rota*), embora expresse uma acepção próxima (a rotina alienante do trabalho diário, por exemplo), não coincide e nem se faz suficiente para a compreensão da noção de regularidade na vida cotidiana. A regularidade cotidiana, figura de tempo que se estabelece como padrão cultural essencial para o entendimento da sociabilidade moderna, vai além da simples ideia de “rotineiro”, pois é exatamente em sua contraditória falta de sentido que reside sua maior complexidade. Esclarece Souza Martins (2010):

Aparentemente, o repetitivo, o fragmentário, o episódico constituem toda a realidade do homem comum, constituem a única coisa que tem sentido. No entanto, estamos em face de uma quase completa falta de sentido, o viver aparentemente reduzido a ações e reações que se repetem, num retorno eterno ao mesmo e à mesmice. Acabou a história e a historicidade do homem? Certamente, não. O que parece mesmo nunca é o mesmo. (Souza Martins, 2010, p.136)

A redução da noção de vida cotidiana aos usos e costumes diários (ao rotineiro e ao repetitivo) consiste, desse modo, num empobrecimento conceitual que, segundo Souza Martins (2010, p.88), não a considera propriamente como um “modo de vida”. Entendidos como objeto de análise, o cotidiano e a vida cotidiana são caracterizados, por outro lado, pela incessante busca de sentido numa sociedade preenchida por contradições, mas pautada pela regularidade. Trata-se de uma espécie de “mundo em vigília” carimbado pelo ônus constante de se buscar significados numa vida secularizada e contraditória. É nesse mundo social, fruto dos modos de produção modernos, que se entrecruzam – segundo a interpretação lefebvrea – a temporalidade cíclica e, principalmente, o tempo linear do cotidiano, “modalidades diversas do repetitivo e também demarcadores de ritmo dos processos sociais” (Souza Martins, 2010, p.81).

Em que espaços sociais e em que modos de temporalidade, por seu turno, se localizam as contradições específicas do cotidiano que caracterizam o mundo do trabalho dos jornalistas? As respostas para o questionamento podem advir de diferentes matrizes teóricas, mas passam, num sentido geral, pelo compartilhamento sociocultural de pontos de vista e de elementos simbólicos peculiares do campo jornalístico.

Warren Breed (1960, p.184-188), ainda que no interior das limitações de sua abordagem funcionalista, chama a atenção já na década de 1950 para dois aspectos simbólicos compartilhados nas salas de redação norte-americanas: o “prazer natural pelo trabalho” (o sentimento de bem-estar atrelado à “solidariedade” profissional compartilhada com os demais jornalistas, ainda que estejam em funções superiores) e a compreensão da ideia de “notícia” como espécie de “valor superior” a ser constantemente buscado (independentemente do local de trabalho, do horário ou da função exercida). Mais de meio século atrás, portanto, o estudo de Breed, em sua perspectiva funcionalista, aponta para a penetração do cotidiano e da lógica da produção na consciência dos jornalistas mesmo quando essa – a consciência – está “liberada” da necessidade de se pensar o “trabalho”.

Mesmo considerado o pioneirismo da pesquisa de Warren Breed e o lugar de referência que isso lhe concede na história dos estudos comunicacionais nos Estados Unidos, porém, novos olhares são naturalmente projetados sobre a temática das rotinas jornalísticas nas décadas seguintes. Ao menos dois estudos da também socióloga Gaye Tuchman (1973; 1977) são mencionados em pesquisas sobre a atividade jornalística pelo foco depositado nas rotinas profissionais. No primeiro caso, Tuchman (1973) recorre também à concepção de “controle” – tema predominante na sociologia do período –, mas, de modo distinto a Breed (1960), realça o fluxo propriamente dito da produção noticiosa. Em suma, a autora coloca em questão a maneira como a rotinização constitui um componente pragmático que facilita o controle dos fluxos de trabalho nas redações, reduzindo, por conseguinte, o amplo universo de eventos cotidianos em determinadas categorias que conformam as notícias.

Tuchman (1973, p. 116-117) enfatiza que as “tipificações” tomadas como prontas pelos jornalistas representam soluções práticas para problemas e tarefas incorporadas ao dia-a-dia das redações. Assim, o uso corrente de categorias que pautam a atividade de seleção e redação das notícias – a exemplo das denominadas “notícias quentes” e “notícias frias”⁵ – resulta em um controle implícito no trabalho de repórteres e editores. Mais tarde, a socióloga aponta que essa espécie de “rotinização do inesperado” acaba por determinar a própria concepção de noticiabilidade, reconhecendo, portanto, a influência sobre a produção jornalística do modo como os acontecimentos noticiáveis são racionalizados nas rotinas profissionais (Tuchman, 1977, p.45).

O cotidiano da narração jornalística – o que inclui seus processos de rotinização das práticas profissionais –, no entanto, escapa aos limites propriamente ditos das salas de redação. Para Pereira (2009, p.6), a construção do cotidiano no jornalismo não se dá apenas como “aplicações tautológicas das técnicas jornalísticas”, uma vez que constitui, antes de tudo, “um problema ontológico (do ser) e metodológico – competência para coleta e organização de enunciados socioculturais”. No interior dessa linha de raciocínio, entende-se que a natureza cognitiva das dimensões da noticiabilidade e o conjunto de valores simbólicos (parâmetros hegemônicos) compartilhados no cotidiano do campo profissional do jornalismo – a metáfora dos “óculos especiais para se observar o mundo”, na acepção de Pierre Bourdieu (1997) – podem ser melhor visualizados, sob um prisma metodológico, a partir de exercícios de auto-avaliação – procedimentos interpretativos de “suspensão do cotidiano” – que os jornalistas fazem quando extraídos, ainda que temporariamente, de suas rotinas profissionais⁶. São nas entrelinhas desses exercícios de suspensão das salas de redação, por conseguinte, que emergem as contradições e a eventual carência de sentido presentes na rotinização das práticas profissionais e na incorporação de um discurso social hegemônico sobre a natureza das notícias. Do ponto de vista da complexidade do fenômeno, trata-se da identificação de uma semântica que mais se aproxima de um discurso histórico de autolegitimação da profissão do que propriamente das categorias segmentadas e historicamente construídas de valores-notícia.

O cotidiano de jornalistas e leitores de jornais em Campo Grande (MS)

Conforme alerta Nelson Traquina (2008, p. 62), diversos estudos sobre o jornalismo demonstram que os profissionais da área têm uma enorme dificuldade para explicar o que é notícia e quais são seus critérios noticiosos para além de respostas vagas do tipo “o que é importante” ou “o que interessa ao público”. Como forma de ilustrar a nebulosidade do campo, Shoemaker & Cohen (2006, p.7), em sentido semelhante, sugerem o simples exercício de se questionar um jornalista a respeito de uma definição básica para os conceitos. É bem provável, apostam os autores, que a resposta apresentada não culminará em uma definição suficientemente clara, mas, por outro lado, o inquirido terá possivelmente na manga um argumento bem característico de seu grupo profissional: “eu sei o que é uma notícia quando eu vejo uma notícia”. Entretanto, embora diferentes autores tenham procurado atribuir um sentido crítico a essa questão, talvez venha do teórico britânico Stuart Hall (1981, p.234)⁷ uma das mais lúcidas leituras para o impasse: os critérios de noticiabilidade, por constituírem modalidades de “estoques de conhecimento” compartilhados profissionalmente, representam uma das mais opacas estruturas de sentido da experiência moderna e não se fazem transparentes nem aos próprios jornalistas.

Nesse sentido, com a proposta de problematizar os aspectos que configuram o multifacetado universo do cotidiano da narração jornalística, volta-se o olhar para um recorte empírico específico: as relações entre cotidiano e noticiabilidade no jornalismo de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul. Do ponto de vista metodológico, sobretudo em relação aos aspectos referentes à coleta de dados empíricos, a pesquisa segue um desenho estrutural similar ao levantamento de critérios de noticiabilidade desenvolvido por Shoemaker e Cohen (2006) em dez países de diferentes continentes – notadamente, a utilização de técnicas da *análise de conteúdo* para o estudo de jornais e de procedimentos qualitativos (grupos focais, entrevistas semiestruturadas e exercícios de *gatekeeping*). Para as finalidades específicas da presente discussão, opta-se pelos resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas com jornalistas e leitores de jornais em Campo Grande (MS). Foram entrevistados dez jornalistas e oito leitores de jornais distribuídos em cinco grupos de análise: 1) três jornalistas do jornal *Correio do Estado*, veículo de maior circulação em Mato Grosso do Sul (caracterizado na pesquisa como *Veículo A*); 2) três jornalistas do jornal *O Estado MS*, veículo diário de segunda maior tiragem na capital sul-mato-grossense (caracterizado na pesquisa como *Veículo B*); 3) quatro jornalistas de assessorias de imprensa com atuação na capital; 4) quatro leitores com nível de escolaridade básico e médio; e 5) quatro leitores com nível de escolaridade superior e pós-graduação.

Com o propósito de obter um recorte com a devida diversidade de opiniões, as entrevistas atingiram diferentes níveis hierárquicos das empresas jornalísticas; isto é, de repórteres e pauteiros a subeditores e editores. Tal variação também ocorreu em relação às variáveis de gênero e de idade dos entrevistados. Em relação às assessorias de comunicação, buscou-se um recorte que pudesse representar quatro áreas profissionais distintas: agências de comunicação, assessorias da área corporativa, assessorias de órgãos públicos e assessorias do terceiro setor (movimentos sociais e organizações não-governamentais). Quanto aos leitores de jornais, o primeiro grupo foi composto por quatro leitores com educação formal nos níveis básico e/ou médio: um vendedor, uma estudante de ensino médio, uma auxiliar de limpeza e um aposentado. O segundo grupo, por seu turno, foi composto por leitores com formação superior e/ou pós-graduação em suas áreas de atuação: um engenheiro civil, uma professora universitária da área de Letras, um advogado com atuação também como professor universitário e um capelão com atuação também como professor de Bioética. Buscou-se, dessa forma, um equilíbrio entre idade, gênero e ocupação profissional em ambos os conjuntos de atores selecionados. A seleção aleatória dos leitores e a aplicação do protocolo de pesquisa foram realizadas no âmbito do estudo por pesquisadores em nível de Iniciação Científica (bolsistas PIBIC/CNPq e PROCAD/CAPES). A opção por aplicar o mesmo roteiro de entrevista em todos os grupos, além de seguir uma vez mais o protocolo de Shoemaker & Cohen (2006), remete à proposta de verificação das relações possíveis entre o cotidiano mediado pela narração jornalística (presente, sobretudo, na perspectiva dos leitores) e o cotidiano da mediação jornalística (presente no mundo do trabalho dos jornalistas e assessores).

Dentre os tópicos presentes no roteiro semiestruturado, quatro questionamentos são aqui privilegiados – todos com aplicação nos diferentes grupos de entrevistados: 1) *O que, em sua opinião, caracteriza uma notícia?*; 2) *O que faz um assunto, uma vez notícia, deixar as páginas dos jornais nos dias posteriores?*; 3) *Como as notícias influenciam sua vida cotidiana?*; e 4) *Quais os três acontecimentos mais marcantes que você recorda em sua vida?*

As informações decorrentes das entrevistas foram sistematizadas em quadros⁸. A despeito das limitações intrínsecas a qualquer opção metodológica – sobretudo do ponto de vista da amostragem de leitores –, tal sistematização, uma vez que é verticalizada em entrevistas em profundidade, permite algumas inferências sobre o cotidiano da atividade jornalística na capital de Mato Grosso do Sul, mas também possibilita reflexões ensaísticas mais amplas sobre a própria natureza cognitiva da noticiabilidade como dimensão da seleção noticiosa. É sobre esse aspecto do cotidiano da narração jornalística, mesmo que voltado a um recorte empírico específico, que a análise se debruça como tentativa de colaborar para a problematização do assunto e para a ampliação do estado da arte dos estudos de jornalismo sobre a concepção de noticiabilidade.

Da narração do cotidiano à legitimação das práticas: alguns resultados

Valendo-se dos termos clássicos de Berger e Luckmann (1974), o jornalismo, enquanto instituição social historicamente legitimada, constitui parte representativa da chamada “realidade objetiva” que, por seu turno, transcodifica e dissemina valores simbólicos (sobretudo enquadramentos dessa mesma realidade) que se materializam na denominada “realidade social subjetiva”. Tais valores simbólicos – ou *lugares-comuns associados*, na mencionada visão de Max Black (1955) sobre as metáforas – são partilhados e incorporados culturalmente na vida cotidiana como *sistemas de crivo* (de filtros cognitivos) que caracterizam determinados pontos de vista – lugares de mirada – para o mundo social.

Nessa conjectura, os dados empíricos extraídos da pesquisa com jornalistas sulmato-grossenses traduzem parte da complexidade do tema. No que tange à própria definição de notícia pelos atores sociais estudados – de onde é possível abstrair e sistematizar “categorias de noticiabilidade” – encontra-se, por exemplo, uma bastante emblemática aproximação nas perspectivas dos entrevistados, sejam eles jornalistas de redação (de diferentes idades, gêneros e funções), assessores de imprensa (de organizações de diferentes naturezas) ou leitores de nível de escolaridade básico ou superior (de diferentes idades, profissões e gêneros).

“Inesperado”, “surpresa”, “novidade”, “importância”, “proximidade”, “relevância”, “prestação de serviço”, “interesse público” e “notoriedade dos envolvidos”: em certa medida, as categorias mencionadas se sobrepõem não somente no interior das respostas dos diferentes grupos pesquisados (justaposição que por si só já merece problematização), mas também entre as categorias históricas de valores noticiosos sistematizados por autores de diferentes épocas (Silva, 2005). Chama atenção, neste aspecto, o fato de apenas dois jornalistas entrevistados – ambos envolvidos nas rotinas produtivas das redações – mencionarem o “interesse do público-leitor” e o “interesse comercial” como fatores preponderantes nos níveis de influência que auxiliam (ou determinam, em alguns casos) a formatação do conteúdo noticioso. No geral, constata-se o compartilhamento, seja entre profissionais de redação e assessorias ou leitores, de um discurso normativo de legitimação do jornalismo como prática social histórica voltada ao interesse público (Gomes, 2009) – menção em todos os grupos pesquisados – e à narração dos acontecimentos mais representativos da vida cotidiana.

Merece destaque também as interpretações relacionadas à ideia de duração da notícia – *o que faz um assunto, uma vez notícia, deixar as páginas dos jornais nos dias posteriores?* – independentemente das categorias de atores estudados. A concepção de “estruturas opacas de

sentido”, sugerida por Stuart Hall (1981), manifesta-se, neste ponto, na confluência de respostas – interpretações – irrefletidas em torno do caráter de “novidade”, de “relevância”, de “factualidade” ou de “interesse”, considerando que a manifestação desses conceitos foi melhor definida pelos entrevistados em termos práticos extraídos da experiência profissional (no caso dos jornalistas) ou da vida cotidiana (em ambos os casos) – “eu sei o que é uma notícia quando eu vejo uma notícia”, para utilizar a ilustração de Shoemaker e Cohen (2006). Nesse sentido, as ideias de “novidade”, “relevância”, “factualidade” e “interesse” são interpretadas, via de regra, mais como valores noticiosos cristalizados na singularidade dos próprios acontecimentos no plano fenomênico e menos como decorrências de processos intrínsecos que formatam as notícias no interior das rotinas profissionais, tal como sugere Gaye Tuchman (1973).

Embora não explicitada em termos diretos, infere-se da análise, uma vez mais, a reprodução social de um discurso legitimador da prática profissional do jornalismo construído em torno dos paradigmas da “objetividade” e da “imparcialidade”, prática discursiva que caracteriza o jornalismo ocidental ao menos desde o início do século XX (Schudson, 1978). Por outro lado, ainda no quesito da “duração/temporalidade das notícias”, há menções significativas por parte de três jornalistas (sendo dois casos no campo das assessorias de imprensa) dos fatores “decisão editorial”, “qualidade da apuração”, “interesse político” e “interesse econômico”, o que relativiza – mesmo que não equivalha – o citado discurso de autolegitimação da profissão calcado em grande medida nas características de “importância”, “relevância” e “interesse” dos acontecimentos no plano pragmático dos fenômenos.

Todavia, sob o ponto de vista da problematização, a ideia de “saturação” das notícias é a que mais encontra sentido na análise sob a luz da “vida cotidiana” enquanto categoria sociológica. Entende-se como chave-explicativa, neste ponto, que a concepção de “saturação” encontra respaldo mais nos fatores que se entrecruzam na “carência de sentido” da vida cotidiana como um todo (Heller, 1972; Souza Martins, 2010) do que propriamente no cotidiano específico da prática noticiosa profissional (o cotidiano das redações). Isto é, muitas vezes mencionada sob semânticas distintas pelos diferentes grupos, a ideia de “saturação” dos acontecimentos midiáticos denota – numa perspectiva ampliada – a busca constante de sentido nas contradições de uma vida cotidiana caracterizada pela regularidade do tempo da produção e que não se reduz às lógicas da repetição e da banalidade (Souza Martins, 2010). Afinal, o que leva um acontecimento noticioso a se tornar “velho” (saturado) e ser relegado à metáfora do “mercado de peixes” por ambos os grupos pesquisados senão a própria lógica produtiva da temporalidade que caracteriza a vida cotidiana?

Outras respostas podem ressaltar as particularidades que caracterizam as rotinas profissionais específicas do jornalismo. Entende-se, no entanto, que práticas como a “rotinização do inesperado” (Tuchman, 1977) e a construção de tipologias próprias para as notícias (Tuchman, 1973), por exemplo, somente se disseminam no campo profissional ao encontrar respaldo na mediação entre a lógica imanente e amplificada da vida cotidiana e o olhar ontológico (o *ser-jornalista*) que vivencia tal lógica no cotidiano profissional. Não se foge, assim, novamente, do processo de mediação entre a *narração do cotidiano* e o *cotidiano da narração*.

A noticiabilidade como constructo cognitivo: da narração do cotidiano ao cotidiano da narração

Como outrora frisado, todas as pessoas – jornalistas ou não – atribuem ordinariamente valores de interesse aos acontecimentos que permeiam o cotidiano. Do atentado terrorista numa metrópole distante ao buraco da rua a poucos metros da porta de casa (para manter-se em dois clichês), o fato é que todo agente social que convive em uma determinada comunidade de sentido elenca cotidianamente situações de destaque que perpassam a regularidade do dia-a-dia.

A problematização do tema, dessa forma, sob rota de fuga do esvaziamento de sua complexidade, não deve se concentrar na combatida exclusividade do campo jornalístico na atribuição de parâmetros de interesse aos acontecimentos cotidianos, mas, um passo além, no modo como essa lógica dotada de uma carga simbólica significativa para os agentes do campo profissional entrecruza seus modos de ação e vigília na vida cotidiana. Do ponto de vista simbólico, trata-se, nos termos de Souza Martins (2010, p.154), da busca constante de sentido, com clareza ou não, “em relação ao que está acontecendo, ao confisco do tempo de trabalho excedente” – ou, nas palavras de Pereira (2009, p.6), de um “problema ontológico (do ser) e metodológico – competência para coleta e organização de enunciados socio-culturais” que impregna todo o modo de vida dos agentes do campo.

Assim, com base na análise dos dados da pesquisa, se por um lado a interpretação das ideias de “notícia” e de “duração do acontecimento noticioso” se justapõem nos diferentes grupos de agentes pesquisados (ligados ou não diretamente ao campo jornalístico), por outro lado, o modo como as notícias influenciam a vida cotidiana de cada grupo – jornalistas e leitores – é sobremaneira demarcado com fronteiras bastante visíveis e verossímeis entre o *cotidiano da narração* e a *narração do cotidiano*. Definições como “estado constante de alerta”, “obrigação de saber o que acontece ao redor”, “formação constante de rede de contatos”, “acompanhamento do ambiente profissional via redes sociais”, “consumo de notícia como ação prioritária na rotina diária” e “constituição de uma rede de amizades somente com jornalistas fora do ambiente de trabalho”, entre outros, caracterizam o estado constante de vigília caracterizador do cotidiano profissional. Isto é, no interior da compreensão de Agnes Heller (1972) sobre os eixos estruturantes da vida cotidiana, transpassa-se a mera rotinização do cotidiano profissional (Tuchman, 1973) e constitui-se uma modalidade de sobreposição do eixo do “trabalho” sobre os eixos correlatos da “vida privada”, do “descanso”, do “lazer” e da “atividade social”, manifestando-se como um discurso autolegitimador calcado no valor superior e insubstituível das notícias.

Ademais, numa compreensão de ordem cognitiva dos parâmetros hegemônicos da seleção noticiosa como “lugares-comuns” compartilhados – ou seja, como valores simbólicos que são lembrados “pronta e livremente” quando requisitados no cotidiano (Black, 1955) –, destaca-se a clara distinção verificada nas respostas dos leitores (com variações mínimas no interior dos subgrupos relacionados ao grau de escolaridade), todas de certo modo resumidas nas ideias de “consumo cotidiano de notícias” e “aproximação de assuntos que fazem parte do dia-a-dia”. Denota-se, a partir da interpretação das entrevistas semi-estruturadas com os oito leitores, um processo inverso de constante mediação jornalística do cotidiano que se efetiva (ou ao menos se potencializa) como exercício de suspensão dos eixos estruturantes da vida cotidiana caracterizados por Heller (1972) – vida privada, lazer, descanso e atividade social – para além do mundo específico do trabalho. Isto é, ao obser-

var os diferentes grupos pesquisados, encontra-se a manifestação de modos distintos de vigília frente às contradições da cotidianidade expressas na interpretação (e vivência) das notícias por jornalistas e leitores.

Entretanto, mais significativo ainda se configura a distinção na natureza dos “acontecimentos marcantes” elencados em suas respectivas trajetórias de vida pelos atores sociais pesquisados. Majoritariamente, os jornalistas entrevistados, independentemente da posição profissional em redação ou assessoria de imprensa, localizam tais acontecimentos na esfera da vida privada. “Formação universitária”, “gravidez”, “casamento” e “morte de familiar” foram as categorias mais citadas de forma autônoma pelos jornalistas. Chama também atenção um menor rol de respostas vinculadas ao ambiente profissional do jornalismo, mas com influência direta na vida privada dos entrevistados: “impacto da cobertura de acidentes e ocorrências policiais na vida pessoal”, “tomada de consciência sobre a desorganização da classe jornalística” e “satisfação pessoal pela consolidação de uma carreira em um determinado veículo jornalístico”, entre outras. Dentre as três dezenas de acontecimentos marcantes listados pelos jornalistas, todavia, apenas dois tiveram origem na agenda midiática.

Em relação ao universo dos leitores (com diferentes formações escolares, profissões, classes sociais, gêneros e idades), porém, a maioria absoluta dos acontecimentos mencionados como “marcantes” possui entrada na vida cotidiana pela via da agenda midiática, com destaque para o ataque contra as torres do *World Trade Center*, nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001, evento citado por seis entre oito entrevistados. Apenas dois membros do grupo de leitores com nível superior registraram eventos com origens situadas na vida pessoal ou privada: “formação acadêmica”, “aprovação em concurso público” e “morte de familiar”, respectivamente.

No plano da análise, todas as respostas, ainda que no interior de suas limitações metodológicas, concedem margem a distintas interpretações. Parte significativa delas, contudo, não escapa a uma chave-explicativa comum: a valorização das interfaces que diferenciam a *mediação jornalística da vida cotidiana do cotidiano da mediação jornalística*. De acordo com Pereira (2009, p.4), o cotidiano constitui-se como um “feixe semiótico” complexo no qual a mídia é apenas uma das facetas. Cabe ao pesquisador, nesse contexto:

Interpretar os pontos que parecem divergentes na interpretação dos constructos das modalidades narrativas – como espelhos de uma linguagem unida pelo utilitarismo da objetividade – o onde e quando – e pela necessidade de aceleração e desaceleração dos tempos verbais – o modo indicativo do jornalismo. (Pereira, 2009, p.4).

Entre aqueles que vivenciam o cotidiano mediado pelo jornalismo e aqueles que vivenciam a mediação jornalística do cotidiano, há diferenças substanciais na interpretação das contradições – dos curtos-circuitos simbólicos – que tangenciam e entrecruzam a regularidade do dia-a-dia. Uma vez mais, portanto, sublinha-se a necessidade de compreensão da noção de noticiabilidade como constructo de natureza cognitiva mediado pelas interfaces entre o cotidiano profissional do jornalismo e a midiatização do cotidiano. Frisa-se, ainda, a distinção conceitual outrora demarcada entre as concepções de noticiabilidade e de notícia.

Enquanto a primeira manifesta-se a partir de parâmetros subjetivos localizados na vida cotidiana (de jornalistas ou não), a segunda constitui um artefato social complexo me-

diado por fatores que transbordam – mas dialogam com, num processo de tensionamento – os parâmetros individuais dos jornalistas. A ideia de “proeminência na mídia”, nesse cenário, também se diferencia da lógica exclusiva dos critérios de noticiabilidade, pois a segunda não pode ser compreendida fora dos tensionamentos e dos valores compartilhados no cotidiano profissional do jornalismo enquanto a primeira vincula-se a um processo já efetivado de representação jornalística da vida cotidiana (cujas interfaces fogem aos limites deste trabalho).

No interior dessa linha de raciocínio, entende-se que a notícia – como meio de expressão significativo e representativo da experiência cotidiana moderna – merece lugar de destaque na construção de uma história social das formas simbólicas. Já a noticiabilidade, como constructo cognitivo, está para o jornalismo como as metáforas estão para outras narrativas cotidianas: estabelece-se como um sistema simbólico de filtros que respalda processos produtivos mais amplos – notadamente, a *adequação* e a *disponibilidade*, para manter-se na classificação de Herbert Gans (2004).

As respostas dos atores sociais entrevistados na pesquisa apresentada, embora representativas apenas de um recorte empírico específico, denotam tais possibilidades interpretativas. Escapa-se, assim, à compreensão (comum em parte da história dos estudos das notícias) dos parâmetros de seleção do jornalismo como categorias estaques e descoladas da vida cotidiana.

Recebido em: 15 nov. 2016

Aceito em: 30 maio 2017

¹ Uma versão resumida e preliminar do artigo foi apresentada no XIV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR), em Palhoça (SC).

² Ver, por exemplo, as classificações Wolf (2003) e Traquina (2008), dentre outras, mais tarde sistematizadas por Silva (2005).

³ Para detalhes, ver: Silva (2014).

⁴ O mesmo pode ser dito em relação ao conceito de “vida privada”. Sobre este assunto, ver o capítulo “Apontamentos sobre vida cotidiana e História” (SOUZA MARTINS, 2010).

⁵ Chamadas em inglês de “*hard news*” e “*soft news*”, respectivamente.

⁶ No caso do presente estudo, exercícios aplicados a partir de entrevistas qualitativas semi-estruturadas nas quais os jornalistas são instados a pensar a própria prática profissional e a relação desta com a vida cotidiana.

⁷ Apesar de considerado britânico, Stuart Hall nasceu na Jamaica no período em que a ilha caribenha era ainda considerada colônia da Inglaterra.

⁸ Quatro quadros de sistematização foram elaborados a partir do roteiro semi-estruturado: Critérios de Noticiabilidade (Quadro 1); Temporalidade/Duração das notícias (Quadro 2); Influência das notícias na vida cotidiana (Quadro 3); Acontecimentos marcantes com origem na vida privada e com origem na agenda midiática (Quadro 4). Pelas limitações de espaço do artigo, os quadros não estão aqui reproduzidos.

Referências

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

- BLACK, Max. Metaphor. In: ARISTOTELIAN SOCIETY. **Proceedings of the Aristotelian Society**. New Series, Vol. 55, 1955.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BREED, Warren. Social control in the news room: a functional analysis. In: SCHRAMM, Wilbur. **Mass communications: a book of readings selected**. Urbana, Chicago e Londres: University of Illinois Press, 1960.
- GANS, Herbert J. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. Edição ampliada comemorativa de 25º aniversário. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2004.
- GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teorias do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. v.1. Florianópolis: Insular, 2009.
- HALL, Stuart. The determination of news photographs. In: COHEN, Stanley; YOUNG, Jock (Orgs.). **The manufacture of news: social problems, deviance and the mass media**. Beverly Hills: Sage, 1981.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.
- PEREIRA, Wellington. **A inscrição do cotidiano no jornalismo impresso (o artesano da pesquisa)**. Cultura Midiática – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Ano II, n.2, 2009.
- SCHUDSON, Michael. **Discovering the news: a social history of American newspapers**. New York: Basic Books, 1978.
- SHOEMAKER, Pamela J.; REESE, Stephen D. **Mediating the message: theories of influences of mass media content**. 2. ed. White Plains (NY): Longman, 1996.
- SHOEMAKER, Pamela J.; COHEN, Akiba. **News around the world: Practitioners, Content, and the Public**. New York: Routledge, 2006.
- SILVA, Gislene. Para pensar a noticiabilidade. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**. Universidade Federal de Santa Catarina, v. 2, n. 1, 2005.
- SILVA, Marcos Paulo da. **Cotidiano e Noticiabilidade na imprensa sul-matogrossense: interfaces entre jornalistas, assessores e público**. In: Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM 2014, Foz do Iguaçu (PR), 2014.

SOUZA MARTINS, José de. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística/uma comunidade interpretativa internacional. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TUCHMAN, Gaye. **Making news by doing work**: routinizing the unexpected. *American Journal of Sociology*, v.79, n.1, 1973.

TUCHMAN, Gaye. The exception proves the rule: the study of routine news practices. In: HIRSCH, Paul M., MILLER, Peter V., KLINE, Gerald (Orgs.). **Strategies for communication research**. Beverly Hills e Londres: Sage Publications, 1977.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 8.ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.